



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Dia ameno, quase primaveril, sem frio, sem chuva, sem vento, mas de céu nublado, em que o sol às vezes espreitava por entre as nuvens, apenas durante breves instantes.

A multidão de fiéis que, sobretudo das freguesias circunvizinhas, acorreram à Cova da Iria, para prestar as suas homenagens de pie-

## PEREGRINAÇÃO

### DE MARÇO, 13

### A Festa de S. José NO SANTUÁRIO

No dia 19, realizou-se a exemplo dos outros anos, a festa em honra de S. José, promovida pelos operários do Santuário.

Constou de missa solene celebrada pelo Rev. P. Carlos de Azevedo acolitado por 2 professores do Seminário das Missões. A missa foi cantada pelo grupo coral dos operários juntamente com os seminaristas, sob a regência do Rev. P. Ori.

Ao evangelho pregou o Rev. Cônego José Galamba de Oliveira, sobre a festa do dia em honra do grande S. José, Patrono Universal da Igreja Católica, modelo dos operários e dos chefes de família. Lembrou aos operários ali

presentes que aprendessem em S. José a ser bons chefes de família, bons operários e bons cristãos. Terminou pedindo 3 Ave-Marias pelas melhoras do Senhor Bispo de Leiria que com bastante pena não tinha podido vir a esta festa, à qual costumava todos os anos presidir, e que este ano a doença impossibilitou de assistir.

No fim da missa foi o SS. Sacramento exposto e rezado o terço do rosário. No fim, a rematar a festa em honra do glorioso Patriarca, o celebrante da missa deu a bênção com o SS. Sacramento. A exemplo dos outros anos, a renda a todos os operários.

### Acção Católica

## Visão de unidade

É uma grande Família a Igreja. Nem admira, porque a sua alma é o próprio Cristo, Senhor nosso. Sem Ele, que prometeu estar-lhe presente até à consumação dos séculos, há muito teria ruído, como sombriamente têm ruído sistemas filosóficos e impérios temporais.

Com Ele, a unidade da Família é perfeita, naqueles elementos que são essenciais.

Na vida corrente de cada dia se observa o fenómeno maravilhoso. Em todas as latitudes e em todas as longitudes se recita, como nobre profissão de fé, o mesmo Credo luminoso e profundo; se praticam os mesmos ritos fundamentais; se obedece prontamente aos mesmos Chefes, que são focos poderosos de unidade. Hoje, como no tempo de S. Paulo, os fiéis têm um só senhor, uma só fé, um só baptismo.

Há uma torrente de vida, que percorre todo o Corpo Místico de Cristo. Os organismos vivos nascem, crescem e morrem. A Igreja, porque assenta os seus fundamentos no próprio Salvador, essa sempre se desdobra, e só se apagará no mundo, quando o mundo se apagar.

Esta unidade, progressiva e conquistadora, de tal modo se tornou parte integrante da nossa vida que, na sua actividade normal, não a consideramos devidamente, como sucede nas famílias bem organizadas, em que os laços de particular solidariedade se estreitam dia a dia, sem que o advirta a consciência pessoal. Mas nem por isso é menos robusta a consciência colectiva, criada pelas mesmas aspirações, continuada pelas mesmas tradições, alimentada pela mesma seiva, dirigida pela mesma autoridade.

Todavia, esse espírito de família brilha com luz esplendorosa nas horas triunfais das grandes alegrias, ou nas horas dramáticas das dores tenebrosas.

dade filial a Nossa Senhora da Fátima, no Santuário da sua predilecção, não era inferior à do dia 13 de qualquer dos meses de inverno precedentes.

Entre os peregrinos havia algumas individualidades de destaque, como Sua Excelência o sr. Ministro das Obras Públicas, Engenheiro José Frederico Ulrich, com sua esposa e filho, e o grande Maestro italiano Monsenhor Licínio Refice que a mais conceituada crítica da Europa e da América proclamou como Mestre incontestado e que é o autor da célebre opera sacra «Cecília», há

pouco executada no Teatro Nacional de S. Carlos, em Lisboa, sob a sua regência e com a assistência do que há de mais culto na capital.

Celebrada a Missa dos doentes e a sua regência e com a assistência do que há de mais culto na capital.

de Leiria. A estação do Evangelho, fez a homília o rev.º P.º Carlos de Azevedo, capelão do Carmelo de S. José e administrador da «Voz da Fátima».

A Missa dos doentes e os demais actos religiosos oficiais do dia realizaram-se ao cimo da escadaria do Hospital em altar improvisado à entrada. Ali se efectuou também a exposição solene do Santíssimo Sacramento e dali se deu a bênção individual aos doentes e a todo o povo.

Os doentes inscritos no registo do Posto das verificações médicas, que eram em pequeno número, estavam colocados em duas filas dentro da capela do Hospital.

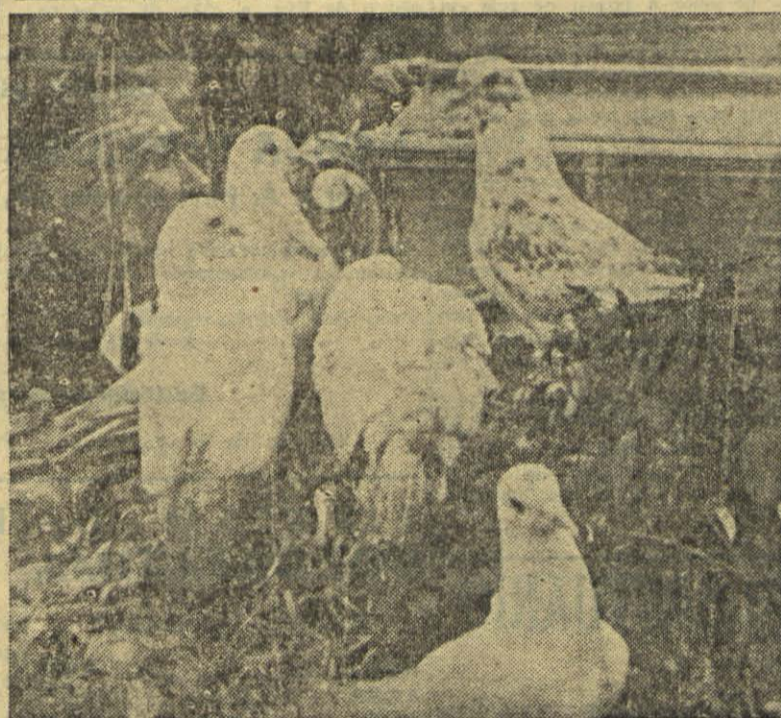
Cantou a Missa De Angelis o grupo coral do Seminário Missionário dos Padres de Nossa Senhora da Consolação.

O rev.º sr. cônego dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da diocese de Leiria, proferiu as costumadas invocações durante a cerimónia dos doentes, tendo antes recitado a fórmula da consagração dos peregrinos ao Imaculado Coração de Maria, da autoria do Santo Padre Pio XII, felizmente reinante.

Houve muitas comunhões, apesar de não haver sacerdotes em número suficiente para atender todos os fiéis que queriam aproximar-se do santo tribunal da Penitência para poderem receber o Pão dos Anjos.

Entoado o cântico «Adeus», a multidão dos peregrinos foi-se retirando pouco a pouco daquele lugar santificado pela presença da Virgem Santíssima em 1917, levando as mais suaves recordações de mais um dia passado a seus pés a invocar a sua protecção maternal e a agradecer os favores alcançados da misericórdia de Deus pela sua poderosíssima intercessão.

Visconde de Montelo



As cinco primeiras pombas que no Bombarral poisaram no andor de Nossa Senhora

Assim na Igreja. Tivemos ocasião de verificar essa unidade magnífica nos recentes aniversários da eleição e da coroação do Santo Padre, e na comemoração do mistério augusto da Ressurreição do Senhor. No primeiro caso, por toda a parte o Papa aclamado como Pai comum da cristandade, indefectível sucessor de S. Pedro, encarnação visível de Jesus Cristo. No segundo, todos os fiéis, espalhados pelo mundo inteiro, comovidamente lembraram os tesouros de esperança e de vida que encerra tal dogma. Se o Redentor não tivesse ressuscitado, como vigorosamente ensinou o Apóstolo, vã seria a nossa pregação, inútil seria a nossa fé.

Perante esta unidade singular em tudo o que é essencial, surpreende a dolorosa divergência que se verifica em múltiplas questões de disciplina. Muitas são as causas do facto escandaloso, mas todas elas se reduzem ao nosso incompreensível egocentrismo.

Também nestas questões os Chefes são representantes de Cristo. Segundo a palavra extraordinária do Baptista, é preciso que nós diminuemos para que só Ele cresça e reine.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

Visado pela Censura

Ecos da viagem de N.ª Senhora

II

O CLERO

Nossa Senhora é invocada como Rainha e Mãe do Clero, daqueles cristãos que, participando, ou tendo a plenitude do sacerdócio de Jesus, se tornam por tal motivo especiais filhos da Mãe de Deus.

Ninguém mais do que o Sacerdote tem tantos títulos a grangear-lhe a honra insigne de filho de Maria.

O sacerdote é o ungido, o Cristo do Senhor; faz parte da geração sacrificada, dessa tribo da Nova Lei formada por aqueles que deixaram a sua terra, casa e família para exercerem a sublime paternidade das almas que dão à luz da graça nas lustrais águas do Baptismo, que alimentam com a Sagrada Eucaristia, que, por divino poder, ressuscitam no sacramento da penitência.

Até ao fim dos séculos, o sacerdote será Jesus no seio da Igreja e como tal, assiste-lhe o singular direito ao carinho maternal de Nossa Senhora. Foi um sacerdote, João Evangelista, que, lá no Calvário Jesus fez filho da sua própria Mãe.

Todo o sacerdote que não atraiçoa a sua vocação, deve ter dois grandes amores no coração: O amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, amando n'Ele, por Ele, com Ele e para Ele todas as almas; elas formam o Cristo total; é impossível amar o Senhor Jesus sem incluir nesse amor as almas, feitas todas elas à Imagem de Deus e tintas com o Sangue Redentor.

O outro afecto do sacerdote terá por objecto a Virgem Santíssima sua Mãe. É ao seu maternal Coração que o padre tantas vezes vai procurar carinho, conforto, linitivo, coragem na árdua tarefa do seu apostolado. Na vida de contínuo sacrifício, verdadeira via de amargura, o que seria do Ministro do Senhor, se lhe faltasse esse refúgio do regaço maternal de Nossa Senhora onde de contínuo se reclina para dulcificar as lágrimas e tomar novo ânimo a fim de levar até ao Gólgota a cruz do cumprimento da missão divina para a qual fora chamado e escolhido!

Na viagem de Nossa Senhora, bem mostrou o Clero como em seus corações primava o amor à Celeste Rainha e Mãe. Vimos muitos, jovens uns, outros alquebrados já pelos anos, a caminharem dezenas de quilómetros a rezar e a cantar incessantemente, por vezes alagados pela chuva que quase sempre caía. Dezenas de sacerdotes de longínquas freguesias, não faltaram na cidade episcopal de Leiria com os seus fiéis, homenageando Nossa Senhora.

No Patriarcado de Lisboa, oitenta pregadores de várias dioceses, andaram de terra em terra, de lugar em lugar, fazendo pregação a preparar os povos para receberem a visita da Veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Nas longas vigílias eucarísticas já estavam os sacerdotes. Pareciam inesgotáveis de forças para de contínuo, até altas horas da madrugada, receberem em amigo abraço os filhos pródigos que voltavam à casa paterna atraídos pelo meigo, magoado e eloquente olhar da milagrosa imagem de Nossa Senhora. Se é incalculável o número de todos os sacrifícios que tantos e tantos fiéis fizeram, e com tanta ternura pela Mãe Celeste, isso foi devido, em grande parte ao trabalho, exemplo de abnegação e ao entusiasmo dos sacerdotes zelosos pelo bem das almas e de corações em chama pela Mãe de Deus.

Não sem comção, pudemos presenciar a alegria de muitos que não ocultavam a S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Vatarba a felicidade dos párocos zelosos que tinham; e outros, vinham pedir ao Senhor Bispo párocos para as suas freguesias há muitos anos sem pastor. «Senhor Bispo, dizia uma mulher, quem há-de educar e guiar os nossos filhos? Dê-nos um pároco». Com as lágrimas a baillarem-lhe nos olhos, S. Ex.ª Rev.ª sentia um profundo desgosto de não ter padres para lhes dar. Essa missão colectiva no Patriarcado, teve o condão de despertar nas almas uma ânsia de vida cristã, vida nova, de amor à Igreja, de zelo em arrancar da vida do pecado em que vivem mergulhados, tantos e tantos, mais por ignorância e abandono, porque a fé existe latente naquelas terras onde mais razão havia para ter desapparecido. Oh! se houvesse mais clero, padres segundo o Coração de Deus, quantas mais almas se teriam convertido!

Devem S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca e S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Vatarba, ter experimentado um santo orgulho e grande alegria, legítima compensação de tantos sacrifícios, ao verificarem o zelo, abnegação e piedade do Clero do Patriarcado.

Que Deus dê maior número de santos sacerdotes ao Patriarcado de Lisboa e em breve virá a ser uma das terras mais cristãs de Portugal. Lá ficou a frutificar a bênção de Nossa Senhora.

C. de A.

Perfis Bíblicos

Folheando os Livros Santos surgem-nos em traços mais ou menos definidos, em cores mais ou menos esbatidas trinta e nove figuras de mulheres que nos apraz ir recordando aqui para ilustração das nossas leitoras.

Muitas são-nos assás conhecidas porque as notabilizaram o pincel dos mais célebres pintores ou o cinzel dos escultores mais talentosos ou os maiores génios da poesia lírica e dramática.

Outras há tão esfumadas na própria Sagrada Escritura que nem sequer o seu nome nos transmitiu mas apenas algum traço da sua vida porque mereceram feliz ou infelizmente ficar registadas no Livro da Vida.

umas dão-nos lindas lições das mais altas e nobres virtudes, lições que ainda hoje nos impressionam a tantos séculos de distância.

Outras, as menos, surgem-nos repelentes, envolvidas na sua malícia requintada dando-nos ainda lições pela repulsa que nos causam as suas acções.

Em todas, pois, teremos que aprender.

Em muitas delas veremos brilhar eminentes qualidades que ainda hoje são o apanágio da mulher verdadeiramente cristã, qualidades que andam tão esquecidas e desprezadas na sociedade moderna que diabólicamente tenta tirar à mulher todo aquele prestígio com que o cristianismo a aureolou.

Algumas são como que prefigurações da mulher — «bendita entre todas as mulheres» remate desta galeria de trinta e nove figuras femininas que a Bíblia nos apresenta.

A Ela pois seja dedicado este pequenino trabalho que iniciamos neste mesmo número com o primeiro perfil e que não podia ser outro senão o de Eva, a «Mãe de todos os viventes».

O MILAGRE DA SERRA

Há já alguns meses que apareceu nos escaparates das livrarias e andam nas mãos dos cultores e amantes das boas letras um novo livro sobre o Milagre da Fátima — O Milagre da Serra, Mistério em 3 actos e 8 quadros, da autoria do consagrado escritor e dramaturgo João Corrêa d'Oliveira.

Podemos considerar este livro uma obra de alto valor literário. Os acontecimentos da Fátima são-nos apresentados por uma forma original, tanto da predilecção do Autor. Obra composta para ser ouvida e vista, diz ele na Legenda, é possível que alguém lhe ache senões na leitura. Mas como produção artística, pelo bem

ordenado do trama e permanente interesse dramático, este Mistério fica a ocupar um lugar de destaque na já vastíssima bibliografia da Fátima, tanto nacional como estrangeira.

Chegaremos algum dia a vê-lo posto em cena? Têm a palavra os entendidos. E será possível desenvolver um bocadinho mais o entrecho, até dar argumento para um bom e belo filme? Quer-nos parecer que sim e não descanse o Autor enquanto o não conseguir.

Ainda uma outra pergunta: Qual o valor do livro como obra de informação histórica? O fundo é verdadeiro, mas a maioria dos diálogos e uma que outra figura são criação do Autor, como até alguns quadros. Todo o quadro segundo, aquela ideia, aliás muito linda, do anjo transformado em cordeirinho, etc. são fruto da imaginação poética do Dr. João Corrêa d'Oliveira. O mesmo se diga também de quase todo o quadro sexto, maneira tão original e tão dramática de dar corpo às dúvidas tremendas da pastorinha Lúcia. As falsas do Demo, do Lobo e da Coruja e a sua actuação sinistra, são simplesmente magistrais.

Mas, repetimos, julgamos conveniente fazer uma pequena prevenção, não suceda suporem alguns leitores, mais ingénuos ou menos ilustrados, que tudo aquilo, por estar em letra de forma, é a real expressão da verdade em todos os seus pormenores. Para nos exprimirmos de modo que toda a gente entenda, são coisas que podiam ter acontecido. Mas só isso. Em nosso modesto entender, é esse um dos grandes perigos das reconstituições históricas, tanto no teatro como no cinema.

Esplêndida a apresentação material do livro. Não se pode exigir mais. Basta dizer que saíu das oficinas da Neogravura, em Lisboa. Ilustrações muito reais e muito boas, dos artistas Domingos Rebelo e Fortunato Anjos. A que representa a 1.ª Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos é das melhores que temos visto.

Danos os parabéns ao Autor e agradecemos os dois exemplares oferecidos à Redacção da «Voz da Fátima».

Construtores, não hesiteis!!

Instalai nos prédios que construídes as modernas e práticas TORNEIRAS DE SISTEMA

«EMBOQUE»

(Duplo dispositivo) e assim proporcionaréis elegância e comodidade aos futuros inquilinos. Os últimos melhoramentos introduzidos no sistema EMBOQUE fizeram das torneiras

UMA MARAVILHA!!

São garantidas por 5 anos Um produto da marca



FAZEI COM TEMPO AS VOSSAS ENCOMENDAS NAS CASAS DO GÊNERO

Depositários no distrito de Leiria: SEACO

Rua de Serpa Pinto, 162 - 1.º SANTAREM

Um livro admirável

NOSSA SENHORA EM PORTUGAL

por J. A. Pires de Lima e F. C. Pires de Lima

Edição comemorativa do 3.º Centenário da Nossa Padroeira Primorosa apresentação em papel, impressão e gravuras a cores, em offset.

Preço 35\$. Edição especial, numerada e rubricada pelos autores — 50\$ A venda nas livrarias do País

Editorial Domingos Barreira

Avenida da Boavista, 23 — Porto

RAMOS

A mais moderna Relojoaria Rua de Santa Catarina, 208 PORTO

(Em frente ao Grande Hotel)

TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

NO MES DE MARÇO

Algarve	6.651
Angra	16.671
Aveiro	5.856
Beja	4.941
Braga	42.909
Bragança	6.390
Coimbra	9.372
Évora	3.766
Funchal	9.509
Guarda	8.999
Lamego	7.045
Leiria	10.007
Lisboa	12.660
Portalegre	7.992
Porto	36.829
Vila Real	14.035
Viseu	5.062

208.694

Estrangeiro ... 3.574  
Diversos ... 9.732

222.000

JACINTA

a vida da pequena vidente, pelo P.º José Galamba de Oliveira 10\$00

GRÁFICA — LEIRIA

Publicações recebidas

Sainte Enfance, Mensageiro da Santa Infância que se publica no Seminário das Missões Estrangeiras, Port-Viau, co. Laval,

Québec Canada. Este número insere uma interessante poesia sobre os videntes da Fátima cuja fotografia vem publicada na página 4 e na página 18 publica a fotografia da imagem de Nossa Senhora da Fátima.

MEDALHAS COMEMORATIVAS DA COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA ASSINADAS PELO ESCULTOR JOÃO DA SILVA



DE OURO E DE PRATA

À VENDA NO SANTUÁRIO

Rouparia — Meias — Lãs Grandes Saldos!!!

NO IMPERIO DAS MEIAS

Av. Almirante Reis 173 B — Lisboa

Combinações opal, corte moderno	19850
Parures opal 4 peças	45800
Lençóis c/ ajour 1,40	35800
Lençóis c/ ajour 1,80	43800
Lãs finas p.º tricot — Tabela 8\$00 — Saldo	7820
Toalhas alinhadas 90x60	7850
Calças, cotim fantasia, forte	13850
Cuecas, homem — popelinete 11\$50 — Sarja	12850
Camisas, homem — popelinete	30800
Meias seda gase, saldo	9850
Meias seda finas	16800 14800 e 12850
Panos cosinha, sarja forte	8300 e 7800
Peúgas fortes — 7\$50	6850
Toalhas turcas tabela	13800 11800 e 9800
Idem, Idem 21\$00	20800 7850 e 6850
Lençóis, senhora, H nos 2880	1820 1810 e 1880
Lençóis tabela, homem	7800 4850
1 E muitos outros artigos Baratos!!! Malhas e Rouparia — Saldos!!! Provença e lãs, tudo a contra-reembolso.	

As mães de família

Assinaí a STELLA, a revista de Nossa Senhora da Fátima, para vós e para as vossas filhas. Escrevei já um postal à

Administração da «Stella» COVA DA IRIA (FÁTIMA)

NO SANTUÁRIO

Fevereiro

De 24 a 26 estiveram em retiro espiritual cerca de 80 homens, agricultores, operários e proprietários, da freguesia da Benedita e alguns da freguesia de S. Catarina, das Caldas da Rainha.

De 26 a 1 de Março estiveram em retiro 50 rapazes da A. C. e outros das mesmas freguesias. As meditações e conferências foram feitas pelo Pároco de Benedita, P. José Suzano Coelho.

27 — Pela primeira vez veio a Fátima, o Rev. P. Augusto Miranda, S. J., missionário na Índia Portuguesa e que veio à metrópole em gozo de merecidas férias.

Março

De 3 a 10 estiveram reunidas em retiro espiritual cerca de 60 senhoras catequistas de Évora e outras, sendo este retiro dirigido pelo Senhor Arcebispo de Évora.

No dia 15 principiou o retiro espiritual para as antigas alunas do Colégio de Jesus, Maria e José, dirigido pelas religiosas de Santa Doroteia, de Lisboa. Este retiro foi pregado pelo Rev. P. Júlio Marinho, S. J.

De 19 a 23 realizou-se o retiro para as actuais alunas do mesmo Colégio sendo conferente o Rev. P. António Cardoso, S. J.

# GRAÇAS

## de N.ª S.ª da Fátima

### AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

### NO CONTINENTE

**D. Maria Rosa Gaia Pinto, Pedrouços,** escreve: tinha uma úlcera numa perna, a qual para ficar curada, levaria muitos meses, tendo eu de me submeter ao mais rigoroso descanso. Aflição, pois na cerca de 20 anos padeci do mesmo mal e tenho ainda bem patete os martírios que sofri, invoquei Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a minha cura durante uma novena. Decorrido apenas um mês já me encontrava completamente bem e a poder andar livremente como dantes, continuando firme a cicatriz.

### Enquanto o Pai rezava

**Vitorino Carvalho da Rocha, Luzim** escreve: «Tendo um filho de ano e meio com uma pneumonia do lado esquerdo, conforme o declarou o médico, sr. dr. Armando Melo, e como a criança piorava, levei-o a outro médico de Penafiel. Como era domingo fui à Santa Missa e pedi a Nossa Senhora da Fátima que intercedesse pelo meu filho junto do Sagrado Coração de Jesus. Ao voltar a casa encontrei-o já a chamar por mim, quando antes, nem sequer se podia olhar para ele porque se incomodava. Estava bem, sem febre que era muita quando eu saía de casa. Perguntei a minha mulher a que horas o pequeno principiou a melhorar, e segundo a sua resposta, averigui que foi precisamente naquela hora em que na igreja eu estive a pedir por ele. Reconhecendo esta graça de Nossa Senhora da Fátima, venho exteriorizar a minha gratidão a tão boa Mãe.»

### A fé de uma criada de servir

**Maria Carolina, natural de Vila-Mearim** e criada de servir em Lamego em consequência de uma forte constipação sobreveio-lhe uma congestão pulmonar pelo que teve de deixar o serviço e ir descansar para a sua terra. Tendo melhorado, voltou de novo para casa dos seus pais, mas não tardou a sentir-se pior. Tosse violenta, dores fortes no peito e nas costas e até hemoptises. Vendo-se assim tão mal, e na necessidade de ganhar o pão para viver, cheia de fé voltou-se para N.ª S.ª da Fátima, tomando água do seu Santuário, fez duas novenas, mandou rezar uma missa e ofereceu 500\$000 a Nossa Senhora, sacrifício bem grande para uma pobrezita. Tão grande fé não deixou de ser recompensada. Depois de dois anos de atroz sofrimento, não falando o seu trabalho, sentiu-se curada e continua a servir na mesma casa. «Vejo-me hoje, diz, com saúde, graças a tão boa Mãe!»

### Evitou de ser operada

**D. Ana da Conceição de Sousa Pereira,** residente na R. dos Mártires da Liberdade, n.º 309, Porto, tendo sido acometida de grave enfermidade foi prontamente internada no Hospital da Misericórdia do Porto onde esteve 15 dias. Fora-lhe dito ser inevitável uma intervenção cirúrgica. Cheia de aflição bebeu água da Fátima que uma sua sobrinha lhe levou e ambas com muita fé recorreram a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe que a operação se não fizesse e ficasse curada. Tal prece foi atendida, vindo dar público testemunho da sua gratidão a Nossa Senhora.

### Cura completa

**D. Emília Rosa, das Eiras, Proença-a-Nova,** agradece uma graça alcançada em favor de seu filho David Farinha, que tendo um quisto infectado e sofrendo três operações, só ficou completamente curado por intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Cheia da maior comoção ofereceu a Nossa Senhora os seus brincos de ouro.

### Pleurisia aguda

**Crispim Pires Saleiro, Castelo do Neiva,** sofria de pleurisia aguda desde 1929 a 1938. Apesar de ser de consequências graves, segundo opinião de peritos médicos, uma vez que recorreu a Nossa Senhora da Fátima, deixou de sentir os incómodos de tal enfermidade.

### Pleurisia líquida

**D. Rosa Guimarães, R. França Junior, 81, Matozinhos,** escreve: «Venho por este meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de meu filho que se encontrava gravemente doente com uma pleurisia líquida, dizem do os médicos que não passaria sem ser operado. Com tanta fé, bebeu água do Santuário da Fátima que se sentiu curado, sem ser precisa a operação. Hoje já trabalha e passa bem e já lá vão dois anos após tal doença.»

### Caridade de uma vizinha

**D. Diamantina Cardoso, Carrizado, Tabuço,** escreve: «Estando o meu vizinho António Cardoso gravemente enfermo com uma pneumonia e sem esperança de recuperar a saúde, recorri a Nossa Senhora da Fátima para que lhe valesse por ser chefe de família e fazer muita falta. Comecei por essa intenção, uma novena ao Beato João de Brito, feita à cabeceira do doente, ao mesmo tempo que prometi a Nossa Senhora da Fátima publicar no seu jornalzinho aquela graça se Ela me a concedesse. Cumpro hoje o meu voto porque a minha súplica foi despachada. O meu vizinho está completamente curado.»

### Enfadada de recorrer a médicos

**D. Maria Marques, da freguesia da Freixianda (Leiria),** encontrando-se havia 11 anos com uma anemia geral e enfadada de recorrer a tantos médicos, finalmente recorreu a Nossa Senhora da Fátima e obteve a cura completa. Prometeu fazer uma novena de Missas e Comunhões com toda a sua família e dar testemunho público da graça que Nossa Senhora lhe alcançou, o que por este meio vem fazer.

### Cólicas renais

**D. Isabel Maria Formosinho Parreira, R. Carlos da Mota, 44-1.ª E. Lisboa,** escreve: «Tendo sofrido durante longo tempo de terríveis cólicas renais, sem que a medicina conseguisse debelar tal mal, resolvi ir a Fátima, pedir a Nossa Senhora a minha cura. Cheia de fé, durante 15 dias consecutivos, recebi a Sagrada Comunhão, bebi água do Santuário da Fátima e fiz algumas orações em honra de Nossa Senhora. Felizmente nada mais foi necessário. Desde então e já lá vão três anos, não mais se repetiram as referidas cólicas, encontrando-me completamente restabelecida.»

### Agradecem outras graças

**D. Filomena Ferreira Azeiteira, Pico.**  
**D. Maria Amélia Petiz, Velas.**  
**D. Maria José Monteiro Borges, Lisboa.**  
**D. Maria Alves, S. Miguel das Caldas.**  
**D. Elódia Duarte Prata, Porto.**  
**D. Maria da Silva, Fundada.**  
**D. Isabel Correia Nascimento, Portimão.**  
**D. Balbina Pais dos Santos, Lourenço Marques.**

**D. Maria Emília Pais Soares, Falal (Viseu).**

**D. Maria Estela Lains e Silva, Macieira Liz.**

**D. Clotilde Pereira da Silva, Pêso da Régua.**

**D. Loduvina Moreira, Valongo.**

**D. Gracinda Marques, Valongo.**

**D. Cândida Baptista, Valongo.**

**D. Joaquina Ferreira dos Santos, S. Paulo, Brasil.**

**D. Helena Valadão de Freitas, Ponta Delgada.**

**D. Rosa de Jesus da Costa, Fontalhas, Terceira.**

**José Joaquim Moutinho, Vila Pouca de Agular.**

**D. Maria Joana Novo Veludo, Portugal.**

**P.ª José Ant.ª Ferreira, Terroso, Póvoa de Varzim.**

**D. Amélia da Conceição Ramos, Lisboa.**

**D. Adélia Pereira da Cunha, Sobrado de Paiva.**

**D. Isabel d'Almeida Costa Pereira, Lisboa.**

**D. Maria Alice M. Bastos, Nelas.**

**D. Conceição Parada Magano, Oakland, Califórnia.**

**Celso de Sousa Nobre, Ervas.**

**D. Maria Rosa da Fonseca, Ribamar.**

**M.ª Maria do Rosário Gonçalves, Torres Novas.**

**D. Sofia da Estrela Dias, Portalegre.**

**D. Maria de Matos Rebordão, Torrezendo.**

**D. Olinda Eugénia Vitória Gonçalves, Porto.**

**D. Leonor Vieira, Oakland, Califórnia.**

**D. Maria de S. José da Cruz, Lisboa.**

**José de Bruno Bettencourt, Açores.**

**D. Maria Jose, Angra do Heroísmo.**

**Luis Macedo de Carvalho, Oura.**

**Manuel Pereira de Sousa, Espinho.**

**D. Natividade Ramos de Castro, Madeira.**

**D. Antonia Maria Moreira, Torneio.**

**Manuel de Oliveira, New Beolford António da Fonseca Quehas J.or, Barró.**

**D. Marie Couto, Macau.**

**D. Amélia de Jesus Gonçalves, Abreiros.**

**D. Maria Helena Barbosa, Coimbra.**

**D. Maria Escolástica de A. M. Montinho, Lisboa.**

**D. Joaquina da Conceição, Carqueire.**

**D. Ludovina Martins de Campos, Negreiros.**

**D. Ana Ermolinda Soares Leal, S. Jorge (Açores).**

**D. Rosa da Costa Moreira, Landim. António Bernardo, Lisboa.**

**D. Ana C. da Silva, Vila do Conde.**

**D. Maria C. da Fonseca, Lamego.**

**D. Rosa Sequeira da Cunha, S. Jorge (Açores).**

**D. Joaquina de Faria, Taipas.**

**D. Maria José L. Azevedo e Paula Alandroal.**

**D. Anita de Jesus Lopes, Calvos, P. de Lanhoso.**

**Samuel da Silva Amorim, Calheta (Açores).**

**D. Maria da Piedade Morgado, Entroncamento.**

**João Machado Corvelo Pimpão, Terceira.**

**D. Gertrudes Lúcia de Melo, Altares, Terceira.**

**D. Bárbara Chartier Nunes, Minas Brasil.**

**D. Maria Tavares Baptista, Arronches.**

**D. Antónia Maria, Funchal.**

**D. M. Natália Barros F. da Silva, Funchal.**

**D. Laura de G. Melo e Cruz, Mandelocelos.**

**D. Maria Beatriz Ferreira, Cascais Manuel Ferreira Tomé, Porto.**

**D. Silvana da Cunha e Silva, Alvim D. Deolinda Salgueiro Fernandes, Santa Cruz, Braga.**

**Armenio Cabral, Ponta Delgada.**

**D. Mariana Augusta Pimpão, Terceira.**

**D. Maria Rebelo, Angra.**

**A. Sousa Serpa, Pico.**

**D. M. Virginia da Esp. Afonso Madeira, Refontoura.**

**D. Maria da Anunciação, Vales.**

**D. Círcencia de Jesus Maciel, S. João, Pico.**

**D. Maria Bárbara Antunes, Évora.**

**D. Adelaide da Conceição Ambar, P. Delgada.**

# O PÃO DO LOBO

O «Lobo», o belo Serra-do-Laboreiro, tinha morrido repentinamente, talvez envenenado porque no prédio contíguo havia uma drogaria e o cão, que andava por lá com muita familiaridade, cheirava e lambia tudo o que lhe apetecia.

Ali estava agora, prostrado à entrada do jardim, parecendo ainda maior pela rigidez dos seus membros estendidos, e as crianças em redor, entre tristes e curiosas, fixavam sobretudo o olhar vítreo e a boca um pouco torcida e aberta onde tantas vezes tinham metido a mão no orgulho de mostrar aos estranhos quanto o «Lobo» era amigo dos donos, mais ainda dos seus donos pequeninos.

Eram quatro, dos dez aos cinco anos. O Jaimeito, o mais velho, que não pudera conter as lágrimas ao saber da morte do grande amigo e companheiro de brinquedos, quisera subtrair as irmãs e o mais pequenito àquele espectáculo, mas não fora possível. A mãe, ocupada em quaisquer lidas caseiras, tinha-os chamado já dum janela do primeiro andar; e uma das criadas viera já mesmo para levar o Zezinho que tanto esperneara que conseguira desprender-se-lhe das mãos.

— Coitadinho! — dizia mais uma vez a Mimi. Mas agora que se há-de fazer?

— O melhor — sentenciava a Belinha — é pedirmos ao paizinho que nos compre outro igual a este. E havemos de lhe pôr o mesmo nome, sim?

— Isso não — retorquia a outra. O que eu queria agora era um pequenino como o da senhora ali do lado, para o lavar e pentear e trazer sempre com um lacinho e, no inverno, com uma capinha. Mas havia de ser só meu...

Escusado será dizer que este egoísmo levantou logo questão. Reapareceu a mãe, apareceu o pai, voltou a criada e os quatro entraram em casa e foram preparar-se para sair para os colégios, que estavam sendo horas.

Entretanto dar-se-iam ordens para enterrar o «Lobo» num monte de entulho que havia por detrás da casa.

Passou-se a manhã, o assunto ao

## MAIO DE 1947

A vida voa no espaço quase como a rosa que murcha logo ao desabrochar. O tempo corre veloz e nós que faremos?... se nada fizermos em homenagem da Mãe do Criador?!!

As homenagens de 1946 à Senhora Aparecida da Fátima revestiram tal brilho que parecem não poder jamais ser excedidas.

Há todavia sempre muito ainda que tentar para demonstrar à Padroeira de Portugal o amor que lhe votam os seus filhos agradecidos. A peregrinação internacional da J. C. F. vai ser uma formosa realidade em Maio próximo.

Preces, romagens, círios e lágrimas da maior devoção estarão patentes com a gratidão dos vários povos fiéis que de todos os confins do mundo virão trazer a Nossa Senhora a doce oferta da sua devoção. Acolhendo-os com simpatia os portugueses saudá-los-ão de forma hospitaleira, mas envolvê-los no mesmo amplexo que à imagem de Nossa Senhora do Rosário que todos festejaremos.

Um alvitre.  
No dia 19 de Maio durante a Missa do meio-dia solar alguns aviões dos que ali costumam ir visitar o recinto da peregrinação, poderão este ano ser peregrinos também. Assim farão cair sobre a Cova da Iria uma chuva de rosas brancas. E, enquanto esvoaçarem pombas brancas e vierem em oração muitas crianças vestidas de branco juntar-se à roda da branca imagem de Nossa Senhora.

De branco se vestirão as almas... em louvor de Senhora da Fátima que sobre uma nuvem branca e de manto branco se mostrou Rainha, Senhora e Mãe de quantos quiserem e souberem purificar-se!

Berta Leite

almoço versou principalmente sobre coisas das lições, dos mestres e discípulos; os dois mais velhitos voltaram ainda para o colégio, e a Belinha e o Zezinho só ao descerem ao jardim para brincar, se lembraram do «Lobo».

— Oh, mãezinha! — exclamou então a pequenita a meio da escada e voltando-se para cima, para o terraço. Quando é que o paizinho nos compra outro cão?

E logo o Zezinho:

— A Mimi quer um como o da sr.ª D. Albina e eu também vou pedir ao paizinho um assim pequenino... branquinho... Olhe, lá está ele!

De facto, na varanda do primeiro andar do prédio vizinho aparecia a tal senhora com o cãozinho ao colo; todo penteado, de laço ao pescoço, objecto de mil carícias e momicas.

As crianças detinham-se pasmadas, mas a mãe no terraço, com a fronte enrugada e o olhar severo, não se pôde ter que não dissesse um pouco bruscamente:

— Venham para cima! Cá falaremos...

Surpreendida, a Belinha lançou um olhar à sua consciência:

— Mas a gente não estava a fazer mal nem a dizer — pensou.

Puxou pelo irmão e, chegando ao pé da mãe, que já tinha entrado, abraçou-a:

— Está zangada comigo, mãezinha? Porquê?

— Não, filha, não estou zangada, mas...

— Não quer que eu peça o cão pequenino ao pai? Não gosta?

— Do que não gosto, meu amor, é de ver dar aos cães mimos que tantas crianças não têm... Além disso, esses cães custam caríssimo. Pensas que o paizinho ia dar trezentos ou quatrocentos escudos por um cachorrinho daquela raça? Não! E faz ele muito bem!

— Então os grandes são mais baratos? — admirou-se o Zezinho.

— Conforme a qualidade — respondeu a mãe.

— Então compra-se um da raça do «Lobo» — resolveu Belinha.

— E se não se comprasse nenhum, meus filhos?

— Nenhum! — exclamaram os dois, simultaneamente e quase atarrados.

— Escutem, queridinhos, sabem que um cão assim grande come muito. O «Lobo», além dos restos da cozinha, comia sempre por dia um pão. E neste tempo em que estamos, meus filhos, em que o pão falta mesma na nossa terra e em que, por esse mundo fora, morre muita criança com fome! Que te parece, Belinha? Não seria melhor que o pão que comprávamos para o «Lobo» o compramos agora para dar aos pobre-zinhos?

— Oh, sim, mãezinha! Anda esta manhã a pequena da leiteira ia para a escola sem levar nada de comer! Mostrou-me o sacco, e nada! Fiquei com tanta pena...

— E não tens pena do cãozinho?

— inquiriu o pequenito.

— Não! Deixá-lo! Tenho a minha boneca! Ao menos essa não come...

— não tira o pão a ninguém!

Então o Zezinho encheu-se também de coragem:

— E eu tenho o meu urso e o meu macaquinho, pronto!

— Muito bem, meus filhinhos! Logo falamos com o paizinho e com os mangos! e decerto todos estarão de acordo.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

## EVA

«Non est bonum esse hominem solum; faciamus ei adiutorium simile sibi».

Depois de ter criado o homem, e de o ter instituído senhor das coisas criadas, Deus fez passar diante dele todos os animais para que, segundo a sua espécie, lhes pusesse o nome conveniente. Entre todos os animais não se encontrava nenhum todavia semelhante ao homem nem capaz de compreender ou de receber as suas expansões e Adão estava solitário na imensidade do seu império.

O Senhor reconheceu que não era bom que o homem estivesse só e resolveu dar-lhe um auxílio semelhante a si para que consigo partilhasse da sua imensa felicidade.

E da própria carne de Adão formou o Senhor a primeira mulher. Não quis o Senhor formá-la do limo da terra, má sim duma matéria já aperfeiçoada e enobrecida — a carne de Adão — por isso mais delicada e mais frágil. Quis o Senhor também com este facto indicar a profunda união que deve existir entre os esposos e mostrar ao homem que a mulher deve ser a sua companheira e não sua escrava.

Tirada duma costela do primeiro homem, duma parte do corpo mais próxima do coração, ela é dotada de maior sensibilidade, maior dedicação maior generosidade.

Adão fica encantado e cheio de alegria ao contemplar a formosa companheira que o Senhor lhe apresenta, companheira que vem povoar a sua solidão, gozar com ele as delícias do Eden que Deus tinha confiado à sua guarda e aos seus labores.

Pouco durável foi todavia a felicidade dos dois esposos, porque o demónio invejoso desta felicidade, que tinha perdido pelo seu orgulho, tomando a forma de serpente, vem insidiosamente incitá-la à revolta contra um presente que Deus lhes impusera em troca de tantas graças e bênçãos que lhe concedera — a proibição terminante de comerem dos frutos da árvore da ciência do bem e do mal sob pena de morte.

Eva responde alegando a razão que o Senhor lhe dera. Mas o demónio não desarma. «Vós não morrereis», «vós sereis como deuses».

A vaidade apossou-se do coração de Eva. — Ser como deuses!

Olha agora para os frutos com olhos de ambição. Nunca ele: lhe pareceram tão belos, tão agradáveis. Como devem ser saborosos! Não pensa, não hesita mais. Estende a mão, colhe um fruto, saboreia-o e vai dá-lo também a seu marido. Este conhece a proibição do Senhor mas não tem coragem de resistir à tentação que lhe vem através das mãos da sua formosa e querida companheira. Estava consumado o primeiro pecado, pecado que mancharia toda a humanidade.

Conscientes da sua culpa, Adão e Eva escondem-se envergonhados e receosos da ira do Senhor. Mas quem poderá jamais fugir à Sua Justiça omnipotente?

O Senhor castiga os delinquentes, castigo que se transmitirá de geração em geração. E porque Eva foi mais culpada, maior foi o seu castigo.

«Darás à luz na dor e ficarás sujeita a teu marido que te dominará».

Dera-lhe o Senhor um coração extremamente sensível e delicado mas até este coração, agora depois da culpa, se torna em instrumento de dor. Como ela deve ter sentido as saudades do bem perdido; a amargura de se saber, não já a companheira do homem, mas a sua escrava; a dor imensa e profunda da morte de seu filho Abel, assassinado por seu irmão Caim!

Eva sofre no seu corpo, sofre no seu coração de mãe.

Mas no meio das trevas da sua infelicidade, vai um vislumbre de consolação e de esperança: — da sua raça nasceria Aquele que viria resgatar a humanidade, o Vencedor da morte e do demónio.

As letras do seu nome, trocadas, serviriam um dia para saudar a mais pura e santa de todas as criaturas — Ave-Maria!

Fala-se outra vez muito em guerra. Há dias comprei em Lisboa um pequeno volume intitulado — *La Guerre pour 1948?* — cuja leitura me deixou profundamente impressionado. As últimas notícias trazidas pelo telégrafo não são animadoras e a mensagem do Presidente Truman ao Congresso americano, é a confirmação plena de que a guerra é possível para muito breve. Será um grande mal, mas talvez inevitável, e quem sabe se não será um mal menor?

A questão que neste momento se põe é esta: dum lado, um país enorme, com recursos em homens e em matérias primas quase inesgotáveis, vivendo num regime político desumano que permite aos governantes dispor das vidas e das fazendas a seu talante. A isto acresce que esse povo persiste em viver isolado dos outros povos por uma cortina de ferro por detrás da qual ninguém sabe o que se passa. Apenas se sabe que os dirigentes russos se apresentam nas conferências internacionais com o opete e a arrogância de dominadores do mundo e como tais querem ficar senhores, para já, do Velho Continente, ou melhor, da Europa, da Ásia e da África, deixando as Américas e o resto para um futuro próximo. Isto é o que toda a gente vê, porque é público.

E o que se não vê? Que haverá, que se passará por detrás da cortina de ferro que os senhores da Rússia teimam em manter impenetrável? Haverá cinco milhões

de homens em pé de guerra, como outros afirmam? Haverá enormes fábricas de armamento, dirigidas por técnicos que recrutaram na Alemanha? Haverá até instalações de fabrico de bombas atómicas como parece?

Ao certo, ninguém o sabe. O que se vê é que os governantes russos actuam na política externa com a desenvoltura e a voracidade de quem tem para tanto o necessário poderio militar e é isso justamente que traz inquietos e nervosos os norte-americanos, para não falar senão nesses...

E é claro que a situação actual é pior do que a que precedeu as duas Guerras Mundiais. Nos anos que precederam estas duas guerras houve a corrida aos armamentos, mas feita às claras. Cada nação sabia aproximadamente até que ponto estavam sendo levados os armamentos das suas rivais, o que de certo modo tornava a situação clara para todos. Hoje, não que respeito à Rússia, ninguém sabe o que lá se passa. A atitude agressiva dos dirigentes soviéticos obriga os outros povos a tomarem precau-

ções e a corrida aos armamentos está em marcha, mas às cegas. Os governantes russos estão a par do que se passa nos outros povos porque têm em toda a parte quintas colunas de traidores que os informam. Os povos do Ocidente pouco ou nada sabem do que se passa na maior parte da Rússia. Esta ignorância obriga-os a despesas militares incalculáveis, e a desviar de aplicações úteis, imensas quantidades de mão de obra e de materiais, o que tem pesado como chumbo na reconstrução da economia mundial.

A selvagem e misteriosa política russa tem conseguido paralisar a marcha do mundo, como se fora um tumor num organismo vivo. Os anjo-saxões começam a perder a paciência. Como Churchill profetizou, a grande águia americana, que pacificamente dormitara no seu poleiro, acabaria por ser acordada com as impertinências soviéticas... A mensagem de Truman veio provar que assim sucedeu. A águia abriu os olhos.

Pacheco de Amorim

## PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª série)

XXVI

## A pombinha vai voando

Na recente peregrinação da veneranda imagem da Cova da Iria até além da capital do Império, um dos episódios, que mais emocionaram os portugueses, foi a tema companhia que algumas pombas fizeram a Nossa Senhora da Fátima.

Quem conhece a habitual timidez da pomba, não pode conceber que, dias e noites seguidas, se acolhessem aos pés da sagrada imagem algumas pombas, que não se assustaram com o ruído, os cânticos e as preces das multidões, que não se assustaram com as girândolas de foguetes, nem com as ondas de pétalas que choviam sobre a imagem sagrada.

Tanto impressionou a tenacidade, digamos, a devoção das pombinhas, que o próprio Eminentíssimo Cardeal Patriarca as tomou para tema da sua luminosa Mensagem do Natal passado.

Não se tratava, somente, de uma narrativa poética, de uma tradição antiga, como a dos passarinhos que ouviram, com a maior atenção, a pré-dica sublime de S. Francisco de Assis. Não se tratava do milagre do maior santo português, Santo António a pregar aos peixes.

Trata-se dum milagre actual, que toda a gente viu, espantada: algumas pombas acolhidas à protecção de Nossa Senhora da Fátima, avezinhas que perderam a habitual timidez e resistiram a todos os ruídos populares, que não se

deixavam intimidar pelas chuvas de flores que caíam sobre elas, que nem as explosões das bombas dos foguetes conseguiam desviar dos pés da Virgem Santíssima da Fátima.

Não foi preciso este exemplo para que o bom povo português aceitasse a possibilidade do milagre.

Li, há pouco, numa velha canção dos Reis Magos, que o nosso povo muito bem conhece, uma referência muito a propósito.

A loa do Natal intitula-se «A pombinha», e é composta de doze belas quadras populares, das quais destaco as seguintes:

«A pombinha vai voando,  
Voando vai, à porfia,  
A ver quem chega primeiro  
Aos pés da Virgem Maria».

«A pombinha vai voando,  
Voando vai, à porfia,  
Vimos cantar-vos os Reis,  
Pois é hoje o seu dia...»

«A pombinha vai voando,  
Voando vai, à porfia;  
Viva o senhor desta casa,  
Mai-la sua companhia!»

Quem meditar na primeira quadra desta loa dos Reis, há-de supor que ela foi criada pelo povo depois da peregrinação da sagrada imagem de Nossa Senhora da Fátima. Mas, realmente, este cântico dos Reis Magos seria escrito séculos atrás.

Que desconhecido episódio lhe daria origem?

O que é verdade é que o nosso povo cantava há muito:

Porto  
Janeiro de 1917.

J. A. PIRES DE LIMA

Primeira Peregrinação Internacional da  
Juventude Católica Feminina à Fátima

3 a 5 de Maio

## PROGRAMA

DIA 3	DIA 4
11 horas — Visita a Alcobaça.	(Só para estrangeiras e dirigentes diocesanas)
12 horas — Cerimónia religiosa na Batalha.	
13,30 horas — Almoço.	18 horas — Visita aos lugares de maior devoção.
16 horas — Partida para a Fátima.	20 horas — Jantar.
17 horas — Entrada na Cova da Iria.	21 horas — Festa de confraternização.
19 horas — Via Sacra (pregada na língua dos países representados).	DIA 5
20 horas — Jantar.	(Só para estrangeiras e dirigentes diocesanas)
22 horas — Procissão das velas.	8 horas — Missa na Capelinha das Aparições.
24 horas — Adoração nocturna.	9 horas — Pequeno almoço.
DIA 4	10 horas — Reuniões (troca de impressões).
6 horas — Missa e Comunhão Geral.	13 horas — Almoço.
9 horas — Oferta do lampadário no túmulo da Jacinta.	14 horas — Ache a Nossa Senhora.
11 horas — Procissão e sessão.	15 horas — Partida da Fátima.
12 horas — Missa solene e bênção das doentes.	DIA 6
14 horas — Procissão do adeus. Retirada da Fátima.	— (em Lisboa) Auto de Santo António.

## VOZ DA FATIMA

## Despesas

Transporte ... ..	3.550.120\$51
Papel, comp e imp. do n.º 294 ... ..	21.985\$80
Franq. emb., transporte do n.º 294 ... ..	4.368\$93
Na Administração... ..	335\$00
Total ... ..	2.576.810\$24

## Esmolas desde 30\$00

D. Ana Garcia R., Covilhã, 30\$;	laia, 50\$00; D. Maria M. Queiroz, Braga, 30\$00; Domingos A. Gomes Ferreira, Viana, 50\$00; D. Emilia do Nascimento Faria, Ameal, T. Vedras, 82\$00; D. Eufrásia M. Mexia Lopes G., Montemor-o-Novo, 50\$00; António Rodrigues da Rocha, Matosinhos, 100\$00; João Marques, Viseu, 30\$00; D. Maria A. Serrano Vitoria, Rocio ao Sul do Tejo, 40\$00; José António dos Reis, Lisboa, 100\$00; D. Maria da C. Coelho, Moscavide, 105\$00; Casa de Saúde de S. Rafael, Açores, 40\$00; Fernando de P. Martins, Paredes da Beira, 220\$00; D. Maria da Conceição Quaresma, Pico, 100\$; Henrique Rocha, Seia, 88\$; Rodrigo da Silva Ferreira, Madalena, 100\$00; D. Mary Martin, América, 106\$55; Manuel S. Sousa, América, 110\$00.
----------------------------------	--